



Recortes de Imprensa

Outubro 2009

apoio



Encontro desperta pessoas para ajudarem quem mais precisa

PAULO FAUSTINO
pfaustino2acorianaooriental.pt

Realizou-se ontem nas Portas da Cidade o primeiro encontro de voluntariado da ilha de São Miguel, uma iniciativa das Irmãs Hospitalleiras do Sagrado Coração de Jesus para sensibilizar a população de Ponta Delgada para a importância de se ser solidário e ajudar quem precisa.

O encontro mobilizou, entre outros, o Núcleo Regional dos Açores da Liga Portuguesa Contra o Cancro, a delegação dos Açores da Cruz Vermelha, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), a Liga dos Amigos dos Doentes do Hospital do Divino Espírito Santo, o Centro Paroquial do Livramento, as Irmãs Religiosas de Maria Imaculada e Irmãs Doroteias.

O objectivo da iniciativa que decorreu durante o dia de ontem, segundo a animadora Mariana Camacho, foi congregar as instituições de solidariedade e sensibilizar a comunidade da principal cidade açoriana para a causa voluntária. Pretendeu-se cativar mais pessoas para esta missão, mas sobretudo "despertá-las para serem solidárias e ajudarem outras pessoas, dando algum do seu tempo a fazer alguém feliz" e a ter qualidade de vida.

Mariana Camacho admite a possibilidade de haver "muita gente" que não sabe como se mo-

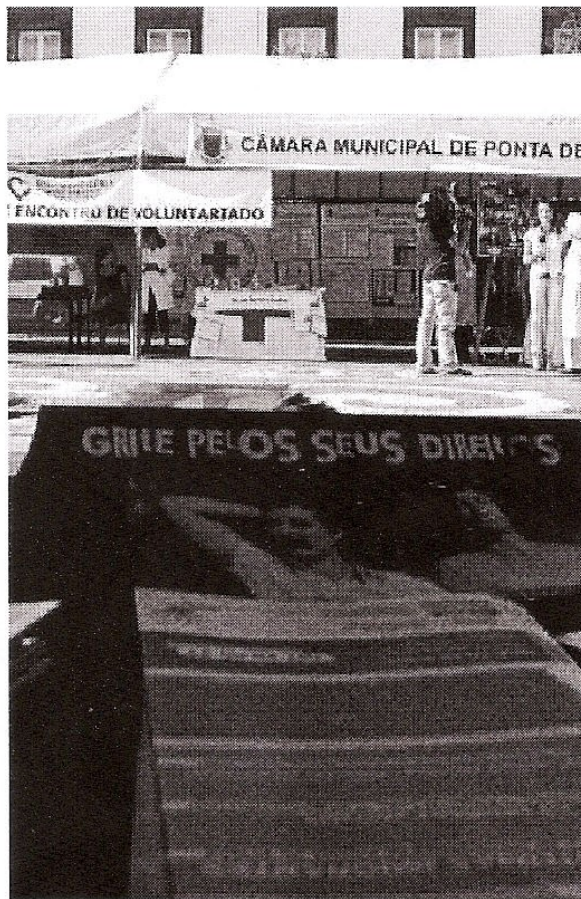
ver no meio, mas que gostaria de dar o seu contributo solidário. Mariana Camacho, para quem o voluntariado "está bem", dá o exemplo a partir da sua experiência do dia-a-dia: "há muita gente que procura a nossa e outras instituições, sendo uma mais-valia neste tempo 'especial' (leia-se crise e os efeitos negativos que provoca junto de várias famílias) que estamos a atravessar".

Jovens aderem ao voluntariado

O voluntariado é um movimento solidário que, ao contrário do que se poderia pensar, não se limita a pessoas idosas, reformadas, e com mais tempo livre para realizar actividades em prol de quem precisa. Na realidade, ao voluntariado aderem também jovens que frequentam o ensino secundário e universitários.

No encontro ontem realizado, os utentes deram a conhecer o trabalho que desenvolvem nas instituições que os acolhem, bem como o dos voluntários que nelas trabalham, numa experiência de partilha de saberes entre todos, de convívio e ainda de uma possível angariação de fundos.

No espaço da Liga Portuguesa contra o Cancro foi apresentado um livro, cujas receitas da venda reverterão a favor da causa. "Entre margens de afectos" é um livro da autoria de Gabriela Silva e Aida Baptista, com ilustrações do pintor Manuel Martins. ||



Encontro de voluntariado nas Portas da Cidade

EDUARDO COSTA

*mês a mês*

ANA TEIXEIRA
JURISTA
MEDIADORA FAMILIAR

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Foi publicada no pretérito dia 19 de Setembro a Lei n.º112/2009, que estabelece o regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica, à protecção e à assistência da vítima.

Segundo dados publicados em Fevereiro de 2009 pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, noventa por cento das vítimas são mulheres. Ou seja, o rosto da violência doméstica continua a ser feminino.

No decorrer de uma entrevista prestada em 1976, Simone de Beauvoir afirmou que as mudanças pelas quais lutara não se realizariam durante a sua vida “Talvez daqui a quatro décadas”.

Hoje, duas semanas após a publicação do novo regime, pergunto se este acarretará, efectivamente, mudança significativa no sonho e luta de tantos anónimos. O anónimo é aquele que se desconhece. Que não tem notoriedade. Quando se aprovam, promulgam e publicam leis, estas terminam com os nomes dos “notáveis” que estão no exercício do poder. O anónimo não consta. Contudo, lutou e trabalhou para que outros possam erguer a bandeira de que, muitas vezes, desconhecem as cores da mesma.

A publicação da Lei 112/2009 reflecte a prática de uma estratégia que vem sido desenvolvida em meia dúzia de concelhos do país, nomeadamente, Coimbra desde 2001.

Em 2001, o Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Coimbra, a Direcção Geral de Reinserção Social, o Serviço de Violência Familiar do Centro Hospital Psiquiátrico de Coimbra, a Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública, iniciaram um trabalho de cooperação que visa a recuperação do agressor na situação prevista na lei “suspensão provisória do processo”.

Quando é a própria vítima que solicita ajuda no sentido de recuperar e manter a família, o Ministério Público articula com entidades terceiras, estabelecendo uma estratégia de intervenção que resulta de uma avaliação prévia do arguido. Obviamente que o agressor/arguido tem que consentir e empenhar-se no seu processo de controlo de instintos agressivos.


Segundo dados estatísticos e, ainda que, a problemática da violência doméstica seja transversal a todos os estratos sociais, a maioria ocorre em ambiente de pobreza e disfunções sociais. Daí a necessidade desta justiça restaurativa ser norteadada por três características: identificação da génese do conflito, recuperação e integração. A responsabilidade da reabertura ou não do processo após a sua suspensão depende, exclusivamente, do arguido que cumpre ou não as condutas que lhe são propostas.

Em Coimbra, a taxa de sucesso desta estratégia tem sido elevada e as “recaídas” ocorrem em situações de alcoolismo.

Alguns leitores poderão achar estranho que a vítima não queira ver o agressor atrás das grades. Acreditem que muitas famílias desejam que a violência por si vivenciada faça parte de um passado sofrido mas encerrado. A família cria e a família soluciona.

Coimbra foi pioneira. Existem por esse país fora intervenções sociais quase anónimas. Fantásticas. Em tempo de eleições içam-se todo o tipo de bandeiras.

“Quando se aprovam, promulgam e publicam leis, estas terminam com os nomes dos “notáveis” que estão no exercício do poder. O anónimo não consta. Contudo, lutou e trabalhou para que outros possam erguer a bandeira”



Apanhadas nas malhas do tráfico humano

Vêm com promessas de uma vida melhor e acabam a prostituir-se ou a trabalhar de sol a sol, sem verem a cor ao dinheiro. Para exploração sexual, laboral e venda de órgãos, o tráfico de mulheres e crianças é uma realidade em Portugal. Falámos com quem apoia as vítimas e ouvimos histórias destes escravos dos tempos modernos. Por Cristina T. Correia

Em Portugal, estima-se que 5 mil mulheres são exploradas sexualmente. 80% são brasileiras (*)

(*) CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2006

Sasha é um nome fictício, mas, como ela, há mais de um milhão de crianças e jovens em todo o mundo. Queria ser modelo e, um dia, viu a sua oportunidade num anúncio de jornal. Na entrevista, surgiu logo a oportunidade de trabalho no estrangeiro. Com medo que não a deixassem ir, não contou aos pais. No dia seguinte, foi enfiada numa carrinha com mais duas raparigas, a quem tiraram os documentos como 'medida de segurança por serem muito novas'. A viagem longa acabou num estúdio, onde lhes pediram para tirar a roupa. Quando recusaram, foram ameaçadas pelo fotógrafo. Seguiu-se um pesadelo de uma semana, em que foram obrigadas a prostituírem-se e a serem filmadas para pornografia. Sasha conseguiu fugir, mas vagueou durante dias por uma cidade estrangeira, assustada, sozinha, sem documentos e com medo que a polícia não acreditasse nela.

"Não sabem até que ponto são exploradas"

O relato é feito pela ECPAT International, organização que se bate pelo fim da exploração sexual de crianças e jovens. Não aconteceu em Portugal, mas podia ter acontecido. Ninguém sabe bem quantas são as imigrantes forçadas a prostituir-se em Portugal, mas dados do Projecto Rosa, da Associação para o Planeamento da Família (APF) falam em cerca de cinco mil. O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras registou 3071 estrangeiras a trabalhar em Portugal em pontos de prostituição, entre 2003 e 2007.

À APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), chegaram, só no

primeiro semestre de 2008, oito queixas, que vieram a confirmar-se como tráfico de seres humanos. Os técnicos da Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial e Étnica (UAVIDRE) daquela organização sabem que é só a ponta do icebergue. "Não há dados que permitam chegar a um número certo de vítimas. Presume-se que seja um fenómeno crescente. Os lucros deste 'negócio' estão a par dos do tráfico de droga e de armas", diz Rui Cortez, da UAVIDRE. "Quando recorrem a nós, as vítimas já estão desesperadas e fazem-no por outras razões que não o tráfico. Aliás, o denominador comum é desconhecem que são vítimas desse crime. Têm noção que estão a ser exploradas, mas não sabem até que ponto."

O tráfico de seres humanos anda a par com a imigração. Portugal, país de emigrantes, é hoje destino para vítimas de tráfico que vêm do Brasil, dos PALOP, de países do Leste europeu e asiáticos. A prostituição e a agricultura são duas das áreas que recebem mais gente. "Tivemos casos de trabalhadoras romenas a quem tinham sido prometidos bons salários, alimentação e habitação condigna na colheita do morango. Quando chegam, trabalham de sol a sol sem verem o dinheiro e a habitação 'condigna' era uma barraca de zinco no meio do campo", conta Rui.

A maioria destes novos escravos são jovens, mais facilmente aliciáveis e no auge da força, sobretudo vindos de meios pobres. Mas nem sempre é assim. "Há muita gente para quem a única opção é a imigração, mas também existem pessoas que querem viajar e trabalhar para conhecer outras culturas. Não é necessa-

- Estima-se que **4 milhões de mulheres** sejam vítimas de tráfico em todo o mundo.

- Segundo a UNICEF, **1,8 milhões de crianças e adolescentes** são traficadas, todos os anos, para serem usadas como trabalhadores escravos e na indústria do sexo.

riamente uma vítima sem instrução ou de fracas condições económicas.”

Atrás da canção do bandido

As redes organizadas de tráfico têm angariadores nos países de origem que conhecem os seus alvos, com quem e onde moram.

As vítimas, maioritariamente mulheres no caso da exploração sexual, são muitas vezes aliciadas pela própria família ou conhecidos. Prometem-lhes a fuga da pobreza, uma vida melhor para a família, uma carreira de modelo no estrangeiro. Ao mesmo tempo, dão informações sobre morada, situação familiar, gostos e perfil psicológico das vítimas à rede. Em troca, recebem dinheiro por cada ‘angariada’.

Quando chegam, a subtracção de documentos, o *debt bondage* (‘dívida de escravidão’, a elevada soma que devem pagar aos traficantes pelo ‘investimento’ na viagem e estada que estes dizem ter feito com a vítima), agressões físicas e sequestro são as formas mais usadas para as controlarem. “A vítima sabe que se não voltar logo do trabalho, ela e a família podem sofrer consequências. Há um grande controlo dos movimentos e telefonemas”, observa Rui Cortez. Vivem um quotidiano de medo, perseguição, absoluto desamparo. “Os traficantes dizem-lhes que se forem às autoridades, são logo deportadas ou presas, e que a única pessoa que os pode ajudar é quem as explora. Para as redes, o maior perigo é que conheçam os seus direitos.”

Um porto de abrigo

A experiência do Espaço Pessoa, da APF, que apoia trabalhadores do sexo no Porto, deu frutos proveitosos: o CAIM (Cooperação, Acção, Investigação e Mundivisão), projecto-piloto na área da prostituição e tráfico de

Informe-se antes de ir para o estrangeiro

“As pessoas acham que estas situações só acontecem aos outros. Mas somos um país de emigrantes, tentamos a nossa sorte lá fora sem antes nos precavermos cá”, alerta Marta Pereira, da APF, que aconselha:

- “Antes de aceitar um emprego no estrangeiro, deve contactar a embaixada ou consulado desse país, tentando saber se a empresa existe, se existem queixas relacionadas com ela.”
- “Deve haver sempre uma rede

de contactos em Portugal, para onde possam telefonar caso algo corra mal. Deve ser combinado um contacto regular de modo a que, se este falhar, as pessoas de confiança em Portugal possam estar alertas.” Moradas, telefones e nomes das pessoas com quem estão devem ser passados aos contactos em Portugal.

- Antes de viajar, combine um plano para o regresso, caso algo corra mal. Tenha dinheiro de parte para um bilhete de regresso de emergência.

Depois do inferno

Quem esteve sob sequestro só consegue fugir num momento de distracção dos agressores.

“Muitas vezes, telefonam para as autoridades, mas não sabem onde estão”, diz Rui Cortez. “Aconselhamos a preparar o telefonema com antecedência. Se não souberem onde estão, dêem a referência de uma matrícula de automóvel, o número do contador da água ou electricidade, de modo a localizar a casa.” Já houve até casos em que foram os clientes a ajudar a vítima a fugir. “O cliente afeiçoa-se pela prostituta, apercebe-se que ela não está ali por escolha própria e denuncia às autoridades.”

Depois de escapar ao inferno, desenhar o futuro começa por ser difícil. “A primeira ideia é regressar ao país de origem. Mas as pessoas que passaram pelo CAP acabam por querer ficar”, conta Marta Pereira. Ali não se dá só o peixe; ensina-se a pescar: aulas de português, formação profissional, trabalho de competências como técnicas de procura activa de emprego, gestão de conflitos e relacionamento interpessoal são das áreas abordadas. “Com elas criamos o projecto de vida que mais se adequa às suas necessidades e que pode fazer a diferença, em termos de currículo, quando quiserem voltar ao

mulheres para exploração sexual, e, há um ano, o primeiro Centro de Acolhimento e Protecção (CAP) para vítimas de tráfico humano. A casa, de localização secreta, tem disponibilidade para seis mulheres com filhos e mais uma, em caso de emergência. “Infelizmente, temos tido bastantes pessoas”, diz Marta Pereira, coordenadora. Aqui, as vítimas encontram apoio jurídico, médico, social e psicológico, e estada por um ano, que pode prolongar-se. A maioria das ocupantes são imigrantes exploradas sexualmente. “Algumas até sabem que viriam para a prostituição, mas não para serem violentadas e exploradas da maneira como foram. Muitas vinham com promessas de trabalho na restauração e acabaram por ser obrigadas a prostituir-se ou a trabalhar em alterne. E trazem histórias de violência física, psicológica e sexual. Mas também já tivemos pessoas que vieram para exploração laboral, nomeadamente para a mendicidade, e que foram postas nesta situação pelos pais.”

Quando chegam ao CAP, “estão bastante vulneráveis, inseguras, com a auto-estima muito abalada, e sentimentos como raiva, revolta e vergonha”.

Campanha The Body Shop ajuda vítimas de tráfico

Foi uma iniciativa da fundadora da marca The Body Shop, Anita Roddick, antes de falecer, em 2007: criar um produto solidário cujos lucros se destinassem a projectos sociais pensados para crianças e jovens vítimas de tráfico sexual. Assim nasceu o creme

de mãos Soft Hands, Kind Heart. À venda nas lojas da marca por €10, dos quais €6 serão doados à APAV, em Portugal, e €0,34 para a organização internacional End Child Prostitution, Pornography and Trafficking (ECPAT). Contribua nesta causa, que é de todas nós.

seu país. Se quiserem regressar, damos-lhes contactos de instituições que lhes podem dar todo o apoio na reintegração no seu país.”

Quando o traficante é da família

Nem só de exploração sexual se faz o tráfico de pessoas. Muitas das vítimas de tráfico humano vêm nos seus maridos ou pais os agentes que as trazem para um inferno de agressões e trabalhos forçados. Rui Cortez conta dois casos chegados à APAV. “Tivemos uma situação de uma mulher asiática, de uma cultura muito fechada. Casou-se no seu país – um casamento combinado entre famílias – e o casal veio logo para Portugal. Cá, trabalhava 14 horas por dia, em dois sítios diferentes, e não recebia nada. Era o seu papel de esposa que a obrigava a isso. Era agredida pelo marido e pela sogra com murros e pontapés. Dois anos depois de cá chegar, teve um filho, e só se revoltou com a situação quando o marido quis enviar a criança para o país de origem. Quando nos procurou, não queria saber da situação de tráfico ou das agressões, mas como impedia o marido de enviar o filho para o seu país.”

Noutro caso, de contornos mais complicados, foi o pai que explorou laboralmente o filho durante seis anos. “O pai saiu de casa quando ele tinha um ano ou dois e veio para Portugal. Quando o rapaz tinha 12 anos, o pai foi buscá-lo ao Paquistão.

A mãe não pôde fazer grande coisa. Cá, o rapaz tinha que fazer toda a lida doméstica e tratar dos irmãos, filhos de outros relacionamentos. Era tratado como um empregado interno, sem receber qualquer compensação, e agredido fisicamente. Queria ir à escola e o pai não deixava. Procurou-nos porque queria saber o que fazer contra as agressões. Para todos os efeitos, foi vítima de tráfico humano, porque foi trazido para ser explorado laboralmente.”

Que direitos assistem às vítimas

O Protocolo de Palermo regulou o que a lei entende por tráfico de seres humanos e como puni-lo na União Europeia. O nosso código penal define-o como o acto de “oferecer, entregar, aliciar, aceitar, transportar, alojar ou acolher qualquer pessoa para fins de exploração sexual, exploração laboral ou extracção de órgãos”. As vítimas ficam ao abrigo de um regime especial:

- É-lhes concedido um período que vai de 30 a 60 dias depois do resgate, para pensar se querem voltar para o seu país ou ficar em Portugal.
- O Estado assegura-lhes alojamento e alimentação durante esse período. Se decidirem voltar, financia-lhes a viagem.
- Se quiserem permanecer, podem requerer uma autorização de residência. O único requisito é suspender qualquer contacto com a rede. Pede-se-lhes, ainda, que colaborem com as autoridades na detenção dos seus membros. A lei prevê o estatuto de protecção de testemunhas para quem decida testemunhar contra os membros das redes, o que pode levá-las a mudar de região e até de nome. **A**

A quem pedir ajuda:

- Linha SOS Imigrante (com tradução em 64 idiomas): 808 257 257.
- APAV – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante: 707 200 077.
- Associação para o Planeamento da Família (Del. Norte): 22 208 58 69.

• O tráfico de seres humanos para fins laborais, sexuais ou de venda de órgãos gera, anualmente, 9,5 mil milhões de dólares. É o terceiro negócio ilícito mais lucrativo, depois do tráfico de droga e armas.

COMITÉ CONTRA A ESCRAVATURA MODERNA, 2003

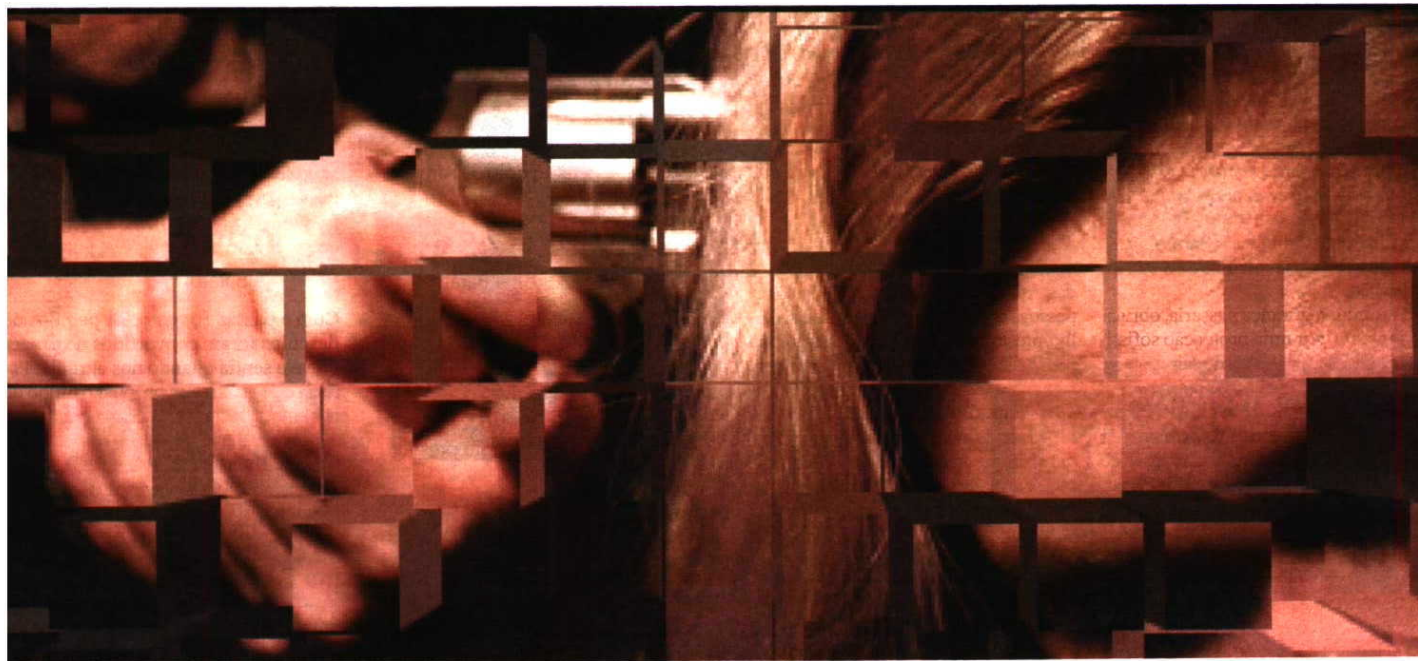
Conheça mais histórias
e veja o vídeo
em www.activa.pt





abertura

texto + Pedro Fontes da Costa



Obrigada a mudar de identidade para fugir das amarras da violência doméstica

Facto → Histórias na primeira pessoa, de quem viveu durante anos em clima de violência

Há seis anos que assumiu uma nova identidade e escolheu um novo lar para morar com os filhos. Para trás deixou uma triste história de toda uma vida marcada por um cenário inimaginável de violência doméstica, que a levou a viver temporariamente numa Casa de Abrigo. O ex-marido acabou condenado a cinco anos de prisão, suspensão, e ao pagamento de 20 mil euros de indemnização. Mas não há dinheiro que pague os maus tratos a que uma mulher é submetida. Os traumas ficam para toda uma vida.

Paula C. (nome fictício) viveu algures no concelho de Oliveira do Bairro, onde partilhou com o ex-marido, durante alguns anos, o início e o derradeiro fim do seu casamento.

Farta de ser vítima de maus-tratos, Paula C. resolveu sair de casa apenas com a roupa que tinha no corpo, rompendo desta forma com o passado.

Só. Sem o apoio de ninguém, com o passar dos anos, Paula C. tornou-se numa pessoa extremamente fechada, afastando-se, lentamente, amigos, familiares e dos colegas. “A minha vida era tão humilhante, que eu não me atrevia a falar dela com ninguém, apesar de, às vezes, haver pessoas que diziam algo indirecto, ao que eu procurava sempre fugir, transmitindo a ideia de não ter percebido nada. Mas o que me diziam nas entrelinhas era para ter calma. E quando me diziam isto, eu achava que era a coisa mais absurda. Pensava: como era possível alguém dizer-me para ter calma numa situação daquelas, mas nunca respondia nada e calma foi o que eu tive durante quase 14 anos! Uma calma infinita para viver a humilhação e a dor em silêncio!”

Morte. Quando as ameaças de morte se tornaram mais frequentes e quando a angústia dos seus filhos

era tão grande que já falavam em suicídio, Paula C. decidiu procurar ajuda. “Tinha consciência de que a minha atitude tinha de ser radical, cortar definitivamente com a vida que tinha tido até aí. Sabia apenas que queria continuar a viver e que queria que os meus filhos continuassem vivos. E para isto, eu faria qualquer coisa, o possível e o impossível. Telefonei à APAV de Coimbra e foi esta organização que tratou de todo o meu processo, esclareceu-me daquilo que tinha de fazer, me encontrou-me um lugar numa Casa Abrigo para vítimas de violência doméstica,

enfim, apoiou-me a tomar a decisão”. Uma decisão que mereceu o aval da família.

Esclarece que, depois de sair de casa, foi apoiada por duas instituições: APAV e UMAR (casa abrigo).

Tribunal. Para Paula C., os momentos vividos em tribunal implicaram reviver situações traumáticas, até agora adormecidas. “Foi a oportunidade de dizer na cara do meu ex-marido aquilo que recalquei durante anos e, por uma questão de auto-protecção, não disse. Foi, finalmente, assumir a atitude de desafio, de demons-

trar que também tenho cabeça para pensar e que, se sofri horrores nas mãos daquele indivíduo, não foi por não ter real consciência da violação dos meus direitos, mas por ter consciência que essa seria uma atitude inteligente que me possibilitaria sobreviver”.

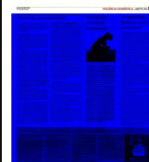
Acredita que o fim do segundo dia de julgamento foi crucial para encetar uma nova fase da sua vida. “Esses dias de julgamento foram a materialização do contraste/ oposição entre mim e o meu ex-marido, porque fiquei com a sensação de apenas ter ganho, a todos os níveis, com a separação. Vi-o, finalmen-

te, com outros olhos, mais realistas e senti-me extremamente feliz ao ver aquilo que ele realmente é: fanfarrão, egoísta, covarde, sem carácter... Alguém que não tem coragem de assumir os seus actos, que apenas tem uma força desmedida quando maltrata os que têm menos força física e que ele considera seres inferiores, como a mulher ou os filhos”.

Vai contando que no tribunal achou particularmente interessante, quando o ex-marido a acusou de ter abandonado o lar. “Dar-me-ia vontade de rir, se a situação não fosse tão triste. Lar é o local onde as pessoas que lá vivem retemperam forças depois de um dia de trabalho, é o porto de abrigo para qualquer um, é sempre um local de protecção. Não é um campo de batalha, onde apenas os mais indefesos sucumbem ou uma prisão onde se aprisionam as pessoas.”

Espancada com o cinto no 6º mês de gravidez

→ “Um episódio que me marcou significativamente foi uma vez ter sido espancada com um cinto, quando estava no 6.º mês de gravidez da minha filha. Fiquei de tal forma pisada, que durante o resto da semana não fui trabalhar. Quando fui trabalhar, na semana seguinte, tive de recorrer à maquilhagem para camuflar as marcas ainda visíveis.”



Nova vida, nova identidade

A partir do momento em que assinou pela primeira vez com um nome fictício, assumiu uma outra identidade que, no seu local de trabalho, apenas é conhecida por três pessoas.

Segurança. Apesar de ter ganhado uma nova identidade, afirma ter plena consciência de que o seu ex-marido tudo faria para a encontrar, assim como os seus filhos seriam usados para atingir esse objectivo. Aliás, justifica que o facto de ser funcionária pública seria um factor que possibilitaria facilmente a sua localização.

"A minha segurança passaria, obrigatoriamente, por uma protecção sofisticada e redobrada. Antes de sair de casa, nunca me passou pela cabeça a possibilidade de ter uma outra identidade. Quando a associação que me apoia me propôs essa hipótese, achei surreal e impossível. Foi-me explicado como funcionava esse mecanismo e aí compreendi que seria a melhor forma de me proteger."

"Para todos os outros eu sou uma pessoa diferente. Comecei uma vida de zero. E também neste quadro fictício, tenho de tomar precauções para a "máscara" não ser descoberta. Neste sentido, criei mecanismos de defesa, tais como: falo pouco com os que me rodeiam, raramente falo sobre mim. Nunca, em momento algum, deixei escapar o mínimo indício da minha identidade real. Sei que disso depende a minha sobrevivência".

"Acho importante referir que a pronúncia da região de Aveiro é muito característica, mas até esse aspecto eu consegui contornar, de forma que todos os que lidam comigo, no meu local de trabalho, acham que eu sempre vivi nesta região", conta.

Actualmente, a sua entidade fictícia apenas existe no local de trabalho. "Fora deste, sou quem realmente sou. De um lado tenho a minha casa, de outro o meu local de trabalho. Percorro diariamente mais de 200 quilómetros de minha casa até ao local de trabalho no sentido de me auto-protger. Se, por acaso, um dos locais for descoberto, mantenho sempre o outro onde me refugiar. Isto possibilita-me, caso alguma coisa corra menos bem, não começar tudo outra vez de zero".

Dualidade de identidades. Trata o trabalho e a sua vida familiar em compartimentos estanques, pois diz que tem consciência de que o aspecto profissional nunca deve estar próximo do aspecto familiar. "O meu cuidado quotidiano consiste em impedir que, de alguma maneira, eles se misturem ou se toquem. E, desta forma, torna-se mais fácil ter esta dualidade de identidades." "Levo uma vida em fuga constante", relembra. "Fujo de amizades mais duradouras, fujo de alguns momentos de convívio profissional, fujo de questões que me são colocadas, fujo de locais onde possa encontrar pessoas conhecidas...No local de trabalho, presto atenção a tudo o que digo, não posso dizer nada que, de alguma forma, faça ruir a vida fictícia que fui construindo ao longo destes seis anos." "Tenho necessidade de memorizar tudo o que digo, para não ser apanhada numa contradição. Vivo num estado de permanente vigilância. Viver assim é, por exemplo, ter a consciência de ter o cuidado de ver se estou a ser seguida, sempre que conduzo. É nunca fazer um trajecto ou estar num local público despreocupadamente e de forma natural, é estar em alerta constante e permanente. É ter uma preocupação acrescida".

Vida de cão. Compara a sua existência à metáfora de uma vida de cão: "uma vida sem condições, com bastantes dificuldades. No entanto, a vida que os meus cães tinham era um mar de rosas, se comparada àquela que eu e os meus filhos vivíamos".

Amarguradamente, conta que, num quadro de violência doméstica não se vive, sobrevive-se! "Eu agarrava-me a tudo para me manter a mim e aos meus filhos vivos. Mesmo que esse tudo, em termos da vida na plena acepção da palavra, fosse quase nada".

Paula C. explica ainda que criou mecanismos de defesa para proteger os seus filhos, agarrando-se ao trabalho e às tarefas de casa. "A melhor forma para conseguir sobreviver é alienar-se de tudo o que nos rodeia. Se a violência é, por si só, destrutiva, a consciência dessa violência é-o ainda mais", acrescentou.

"A minha filha foi arrastada pelas escadas"



Uma das fases mais difíceis da vida de Paula foi consciencializar-se de que tinha que acabar com aquele tipo de vida. "Tinha de dizer basta, para poder seguir em frente. Fi-lo porque achei, e acho, que a minha obrigação enquanto mãe é proteger os meus filhos, mesmo que essa protecção implique protegê-los de quem tem a obrigação maior de os proteger, como é o caso de um progenitor".

Diz que, "ao tomar consciência de que aquilo que nos era feito era um crime e que prejudicava o crescimento saudável dos meus filhos não podia, de forma alguma, permitir que o seu autor ficasse totalmente impune".

Aponta dois factos decisivos para sair de casa: "Um foi quando a minha filha foi arrastada pelas escadas à minha frente e do meu filho, em que ficámos petrificados pelo medo. Neste episódio, lembro-me essencialmente de pensar que a minha filha iria morrer. Outra vez foi quando o meu filho, então com 11 anos, me perguntou como seria a vida dele depois de o pai me matar. Foi aí que me consciencializei que não poderia permitir que os meus filhos sofressem uma violência de tal forma atroz".

"A agressão passou a ser uma arte"

No primeiro ano de casamento Paula C. foi agredida duas vezes, com uma bofetada de cada vez. As agressões foram seguidas de pedidos de desculpa. Apesar de esporádicas, as agressões, com o passar dos anos, aumentaram quer na frequência, quer na intensidade. "A desculpa deixou de ser pedida, porque, na perspectiva do meu ex-marido, ele estava a exercer a sua função de homem. Com o passar do tempo os pedidos de desculpa foram convertidos no prazer que ele sentia quando nos agredia. Parecia que existia um propósito nítido de nos enlouquecer. Dizia e fazia coisas que depois afirmava ter sido eu ou os meus filhos a dizer ou a fazer".

"Era uma tortura psicológica constante. No que me dizia respeito, a humilhação era tão grande que chegava a dizer-me que eu era tão reles que nem para prostituta de beira de estrada eu servia. As marcas das agressões físicas também passaram a ser menos visíveis. A agressão passou a ser refinada, passou a ser uma arte, que deixava marcas apenas em sítios que podiam ser escondidos pelas roupas: costas, cabeça, tronco, pernas ou braços, muito raramente na cara", recorda Paula C.

A vítima acrescenta que as agressões eram, nos últimos tempos, acompanhadas de uma expressão de triunfo, gozo e de certo sadismo.

"Quando o agressor quer, tudo é convertido em causa que justifica a atitude violenta. Para o meu ex-marido até o tempo que eu passava com os meus filhos era cobrado", contando que "nos primeiros anos de casamento, embora tivesse noção que eu não era culpada dessas agressões, justificava-as por situações alheias ao casamento, como por exemplo problemas no emprego dele. E, nessa altura, pensava que o meu ex-marido poderia modificar a sua conduta e acalentava a esperança de que ele mudasse. Mas, cansei-me de esperar, a mudança não só não chegou, como foi redobrando de intensidade, até se tornar uma constante da nossa vida".

"Viver num clima de violência é um constante sobressalto"

Paula C. confessa que viver num clima de violência é um constante sobressalto, tal qual como viver na corda bamba à espera que a próxima agressão surja. "É viver à mercê do outro, sem vontade própria. É viver sempre aterrorizado. É encarar a nossa casa como o espaço mais perigoso em que nos movimentamos. É estar tão inseguro e tão ameaçado, que dentro de casa não existe um único espaço onde nos sintamos protegidos. É adiar ao máximo o encontro com o agressor,

tendo consciência que no final do dia ele (encontro) se materializa, se concretiza. É ficar temeroso com o regresso do outro, porque não se sabe com que espírito ele chega a casa, se chega ou não, predisposto a atacar-nos".

A sua casa estava transformada num autêntico inferno. As paredes deixaram de ser boas conselheiras e o simples acto de chorar passou a assumir características de um verdadeiro luxo a que não se podia dar. "Fui proibida de chorar porque isso irrita-

va o meu ex-marido e ele disse-me que não me queria ver chorar. Com o tempo, aprendi que não podia chorar, porque isso irritava-o e a violência redobrava. O mesmo se passava com os meus filhos, quanto mais chorassem, mais pancada apanhavam". Trata-se de um episódio cuja carga dramática é difícil de perceber por quem não o vivenciou.

"O agressor, para além de ser o inimigo dentro de casa, tem também o efeito eucalipto: destrói to-

dos os que estão à sua volta, impedindo-os de crescer. A minha avó, que viveu comigo, dizia: «As telhas são caras, mas no teu caso foram muito baratas, porque encobrem muita miséria.»

Foi precisamente dentro da sua própria casa, espaço que devia ser o seu refúgio de excelência, que mais sofreu, longe da vista de tudo e de todos. Até porque diz que "há uma discrepância total entre a vida que se vive e a vida que se mostra aos outros".



entrevista



SOLANGE F.
FALA SOBRE A SUA GRAVIDEZ

“A MINHA FILHA NÃO VAI

A antiga apresentadora da SIC Radical não podia estar mais feliz. Aos quatro meses de gestação já sabe que vai ter uma menina e vive no mais completo estado de graça. “É muito bom! Estou muito tranquila, não há nada que me irrite”, revela a futura mamã.

As alterações físicas são algumas, mas nem isso a demove. “Adoro estar grávida. Tinha uma parte do corpo que não gostava, que era a barriga e neste momento acho que está linda! Ficamos parvas! Superapaixonadas por nós e pelo nosso bebé.”

Para chegar até aqui, Solange F. perseguiu o seu grande sonho: ser mãe. “É uma bebé superdesejada, estou feliz por estar grávida, é tudo muito bom. Aliás, acredito que não há nada mais sensual do que uma mulher grávida. Organicamente, é tudo muito bonito. As mulheres ficam com um ar carinhoso, fofinho, é uma beleza a dobrar.”

Está sozinha a viver o seu maior sonho: ser mãe. Solange F. diz que não é difícil e que mais tarde explicará tudo à filha. O único tabu é a forma como engravidou

E agora admite que foi a melhor decisão que já tomou, até porque tem recebido todo o apoio da família e dos amigos. “Engravidem! Mulheres que querem ter filhos, mesmo que não tenham homem, engravidem na mesma! Se o mais importante é ter um filho, se a pessoa tem saúde mental, emocional e, pelos menos, três ou quatro pessoas à sua volta que a apoiem, engravide. Não há dificuldade nenhuma”, garante Solange.

Um dos seus maiores apoios vem mesmo dos pais, com quem teve alguns conflitos na adolescência, entretanto totalmente sanados. “A mi-

nha família já não se choca e está do meu lado. Houve uma altura, dos 15, 16 anos, aí sim, foi um choque. Agora não, até porque me tornei independente muito cedo, saí de casa aos 18 anos.”

Uma independência que também lhe deu maturidade. Por isso, apesar de neste momento não ter emprego certo – “para ganhar dinheiro faço alguns trabalhos como DJ” –, Solange F. não se assusta. “Nunca pedi aos meus pais para me pagarem uma renda de casa. Trabalhei numa clínica veterinária, numa seguradora, num restaurante, já fiz tudo...” Actualmente, está a escrever um livro – “com

“Não há nada mais sensual do que uma mulher grávida”

desabafos do quotidiano” – e a terminar o mestrado em Psicologia. “Penso vir a exercer essa actividade, por isso é que me licenciarei e estou a acabar o mestrado”, conta. Ao mesmo tempo, é voluntária da APAV.

Pela sua formação académica, Solange F. também se informou sobre os efeitos de ter uma criança nas suas condições. “Tive uma série de estudos nas mãos, sobre crianças educadas em casas de mães lésbicas e outras no seio de casais heterossexuais. E não havia diferenças nenhuma. A diferença é que os que viviam com casais homossexuais tinham mais abertura para falar sobre isso.” A DJ não tem, por isso, receio de não vir a ser compreendida pela filha, no futuro. “Um dia teremos uma conversa, as duas.”

O único tabu que Solange mantém é sobre a forma como concebeu a filha. “Não respondo a essas questões. Acho que há um voyeuris-



Virginia Pinto diz que a prima, Helena Preto, vivia com medo do marido



Vizinhos lembram-se bem das cenas de ciúmes do cabo João Massa

GNR mata mulher com dois tiros no peito por ciúmes

Castelo Branco. Militar, comandante do posto da Soalheira, terá disparado sobre a mulher e depois sobre si. Morreu ontem no hospital. APAV diz que os casos de violência doméstica estão a tornar-se cada vez mais fatais

■ CATARINA CANOTILHO, Fundão

"Foi o ciúme dele que matou a minha rica Lena. Tanto a ameaçou que cumpriu. Ele era doente de ciúmes, bastava ela sair à rua para ser um grande escândalo. Ela sempre foi uma pessoa alegre e comunicativa, mas perdeu isso porque vivia com medo dele", o relato é de Maria Virgínia Freire Fernandes Pinto, prima direita de Helena Preto, a mulher de 43 anos, que na noite de terça-feira foi baleada mortalmente com dois tiros no peito na sua residência na Lardosa, concelho de Castelo Branco. O principal suspeito do crime é o marido, João Massa, 46 anos, cabo e comandante do Posto da GNR da Soalheira (Fundão) que acabou por morrer no hospital, depois de ter disparado sobre si próprio ainda no local do crime.

O comandante do Posto Territorial da Soalheira não resistiu às lesões graves, ontem de manhã, nos Hospitais da Universidade de

Coimbra, para onde tinha sido transferido em estado muito grave. O militar terá morto a mulher — essa é, aliás, a tese a ser seguida pelos investigadores da PJ de Coimbra que continua a fazer diligências para esclarecer este caso. O casal deixa dois filhos, um deles com 22 anos estudante na Escola Prática da GNR, em Portalegre, e outro de 16 anos, que estava em casa na hora do crime.

"Ela foi morta na casa de banho e o filho estava noutro compartimento, quando ouviu o primeiro tiro gritou por socorro e pediu ajuda à avó materna, que vive no andar superior da casa. Mas já nenhum dos dois conseguiu evitar a tragédia. "Eu fui dos primeiros a chegar. Ela já estava morta e ele respirava. A arma do crime (um revólver) ainda se encontrava debaixo do João. Só quando os bombeiros o levaram é que a vimos", contou ao DN um primo da vítima que esteve no local, mas que pede para não ser identificado de modo a



A vítima, Helena Preto

43 mulheres

foram mortas na sequência de casos de violência doméstica executados em 2008

10 casos

de mulheres assassinadas pelos companheiros foram registados este ano até Maio

evitar "conflitos com a restante família", que se remete ao silêncio. Aliás na quarta-feira o cunhado mostrou-se muito exaltado com a com a presença dos jornalistas.

Já os vizinhos recordavam por menores de discussões e referiam abertamente não lamentar a morte do alegado homicida. "Ele sempre inventou problemas onde não os havia. Desta vez começou tudo no domingo, na Feira do Feijão Frade. Ela tinha lá uma barraquinha de artesanato, e teve de ir trocar uma nota de cinco euros na barraca do vizinho. Ele começou logo ali a fazer uma cena de ciúmes que se foi prolongado pelos dias e acabou desta forma", refere uma amiga da vítima.

Na rua onde tudo aconteceu recorda-se ainda o episódio ocorrido há exactamente um ano. "Também coincidiu com a feira. Ela teve de se refugiar em casa e ele arrombou a porta. Ela fugiu pela janela e foi o filho que conseguiu pôr cobro à questão quando lhe tirou a arma", contam.

De acordo com o comando geral da GNR, o militar "tinha uma folha de serviço sem manchas".

Ontem ainda se desconhecia a

Homicídios seguidos de suicídio

● **23 de Julho de 2008** Um GNR, de 34 anos, matou a mulher, de 22, com um tiro de caçadeira, na residência do casal, na Graciosa, Açores. O homem pôs termo à própria vida, usando a mesma arma.

● **23 de Janeiro de 2009** Um empresário têxtil de Barcelos, de 50 anos, matou a mulher, de 47, a tiro e suicidou-se. O crime foi no escritório da empresa têxtil de que o casal era dono, em Alvelos.

● **24 de Fevereiro de 2009** Um guarda prisional não terá gostado de ver o ex-marido da companheira na casa onde ambos viviam. Matou o ex-companheiro e baleou a mulher, suicidando-se depois.

hora do funeral do casal, mas era já certa a informação de que os mesmos não seriam em conjunto. "Ela está a ser autopsiada e, se tudo correr bem, o funeral deve ser amanhã [hoje] à tarde, mas o dele ainda não se sabe. Quem tem de tratar é a família dele de Vale Prazeres (Fundão) de onde ele era natural. A família daqui não quer mais nada com ele", disse Carlos Barata, agente funerário e primo de Helena Preto. ■ Com P.C.



DESTAQUE

Entrou na igreja e sorriu. A tradição dizia que as noivas caminhavam felizes para o altar, atrás das damas de honor. Cada pormenor devia respeitar o protocolo, sem improvisos. Antónia usou o vestido, o véu e as jóias que a mãe e as tias escolheram por ela. Na verdade, foi a família que decidiu tudo. Ela limitou-se a cumprir ordens durante os meses que antecederam uma das festas mais badaladas da alta sociedade do Norte. Quando o dia chegou, avançou por entre mais de 400 convidados, incluindo diplomatas, banqueiros e eminentes políticos da década de 80, resignada a casar-se com um noivo imposto. Aterrorizava-a a ideia de passar o resto da vida com um homem que mal conhecia e de quem nunca tinha gostado. E nessa altura nem podia imaginar que, cinco dias depois, aquele que todos viam como um marido perfeito a espancaria pela primeira vez.

Em plena lua-de-mel, passada a percorrer alguns dos melhores hotéis do País, ele quis parar para almoçar. Ela disse que não tinha fome, mas ofereceu-se para lhe fazer companhia. Enfurecido, o empresário, bem relacionado na banca e no sector judicial, encostou o carro de forma brusca. Saiu, abriu a porta, arrancou Antónia do carro e disse-lhe: "Agora vou-te ensinar quem é o homem da casa." Deu-lhe uma sova ali mesmo, em plena via pública, numa zona próxima de Lisboa. Os murros, bofetadas e pontapés deixaram-lhe o corpo magro cheio de nódoas negras. Mas o pior foi o choque. Esteve três dias sem falar. Limitava-se a obedecer-lhe. "Ele dizia-me: 'Veste-te', e eu vestia-me. 'Come', e eu comia. Não conseguia sequer olhar para as outras pessoas. Fazia o que queria de mim", conta à SÁBADO.

A TAREIA, SOUBE DEPOIS, não foi só por não ter querido almoçar – foi também por ter exposto o marido à vergonha de os dois abandonarem a festa de casamento apenas três horas depois do início. Antónia tinha disfarçado a palidez extrema com maquilhagem, mas estava exausta por causa dos preparativos. A pressão era tanta que a primeira vez que se viu vestida de noiva desmaiou. Na véspera do casamento, fugiu de casa pelo telhado. Voltou para poupar os pais e os irmãos ao escândalo. Acreditou que aprenderia a viver com o marido. Enganou-se.

Em público, o marido de Antónia parecia um cavalheiro. Levava-a a viajar para os destinos mais luxuosos e gastava largos milha-

res de euros nas jóias que lhe oferecia à frente de toda a família. Em casa, os maus tratos continuavam. Não precisava de motivo para bater na mulher. Dependia do dia. Se ela falasse, era porque falava. Se estivesse calada, era porque estava calada. "E se ele bebesse uma reserva de Cabeça de Burro tinto [um dos seus vinhos de eleição] tornava-se ainda mais macabro", diz à SÁBADO.

A família sabia que o marido lhe batia. A mãe dizia: "As mulheres do Norte morrem de pé"

Havia semanas em que apanhava mais do que uma vez. "Batia-me com todo o tipo de objectos, apontava-me armas à cabeça. Todos os anos me partia um braço, uma perna ou qualquer outra coisa. Morria-me muito em todo o corpo. Estive em coma e perdi a conta às hospitalizações. Ele tinha uma força doida." Nos momen-

tos em que a mulher estava menos frágil, tornava-se sádico. Às vezes, surpreendia-a deitada num sofá a ler. Vinha pé ante pé e, de repente, apertava-lhe o livro contra a cara para a asfíxiar. Depois, libertava-a e perguntava: "Achavas que eu te ia matar? Não. Amo-te demasiado!"

A pior sova de todas foi a que levou quando estava grávida de 6 meses. "O meu ex-marido decidiu que queria matar o bebé." Deu-lhe bofetadas, socos e um violento pontapé na barriga. "Voei um corredor inteiro, muito longo e largo, e aterrei em cima de um móvel. Comecei logo a perder sangue. Não me socorreu."

Uma das empregadas alertou um familiar. Antónia entrou num grande hospital público com um descolamento quase total da placenta. O médico próximo que a assistiu não denunciou a situação e ela nunca lhe perdoou o silêncio. "Podia ter sido tudo diferente."

Não há estatísticas exactas sobre a vio-





PRIMEIRA AGRESSÃO

Na lua-de-mel, o marido de Antónia parou o carro e deu-lhe uma **sova no meio da rua**, numa zona perto de Lisboa. Com o choque ela ficou três dias sem falar

tomas, feridas e braços ao peito, mas nunca fizeram nada. O escândalo de um divórcio seria, para todos, muito pior do que conviver com um casamento de fachada. Chegaram a levá-la, gravemente ferida, a uma clínica privada. Visitaram-na em coma. Continuaram a exigir-lhe silêncio. A mãe repetia: “As mulheres do Norte morrem de pé.”

O facto de a conduzirem a uma instituição de saúde privada garantia o sigilo, apesar de, por lei, os profissionais de saúde serem obrigados a denunciar estes crimes. As boas relações com os médicos permitiam que as agressões não ficassem registadas nas fichas clínicas. Oficialmente, os internamentos de Antónia eram resultado de crises depressivas. Essa discrição é o motivo pelo qual as mulheres da alta sociedade evitam hospitais públicos.

PASSARAM MAIS DE 10 anos até que Antónia tivesse coragem para planear o divórcio. Sofreu as consequências. Por ter saído de casa, ainda hoje, alguns anos depois, está proibida de participar nos encontros de família aos domingos. No Natal, não tem lugar à mesa. “Acompanhei senhoras que foram afastadas destes rituais enquanto o agressor continua a ser acolhido”, diz Celina Manita, directora do Gabinete de Estudo e Apoio a Vítimas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP).

“Estas vítimas estão bastante mais isoladas do que as outras. As famílias fazem-nas sentir-se culpadas de se defenderem e pro-

As sovas eram cada vez piores. Teve lesões graves, entrou em coma. Diz que ele a ia matar

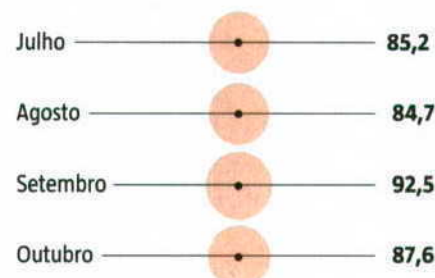
tegerem”, explica Rosário Figueiredo, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Além disso, “aqui não há denúncias de vizinhos, como nos bairros”. Em muitos casos, as grandes dimensões das casas, só por si, bastam para que ninguém ouça o que se passa para lá das próprias paredes.

Sem saber, Antónia construiu o seu pró-

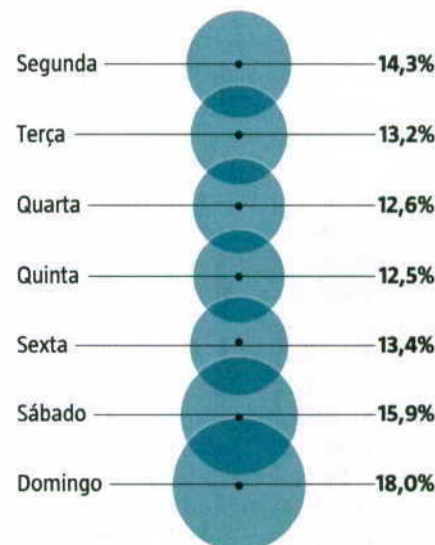
Picos de violência

Os meses, os dias, as horas e a forma como ocorrem os episódios de agressão doméstica

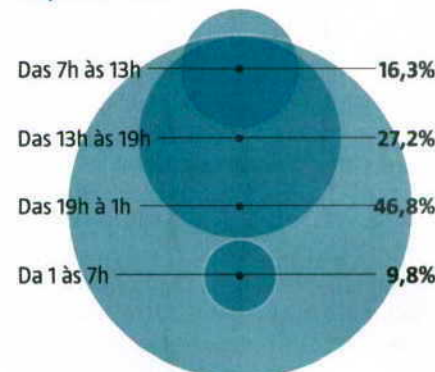
Os piores meses (agressões por dia)



Os piores dias



As piores horas



lência doméstica em Portugal. Algumas mulheres demoram anos a pedir ajuda e calcula-se que muitas mais nunca cheguem a fazê-lo. Em 2008, a PSP e a GNR registaram 27.144 queixas. Dessas, 9,2% diziam respeito a vítimas com cursos superiores. “Nas classes sociais mais altas as agressões também existem, embora numa percentagem mais reduzida”, diz à SÁBADO Carla Machado, professora da Universidade do Minho e coordenadora do estudo Enquadramento Cultural da Violência contra Mulheres e Crianças. Segundo o inquérito de 2005, 10% das mulheres mais favorecidas admitiram já ter sido alvo de algum tipo de agressão (contra 33% das classes mais baixas). As vítimas ocupam profissões de topo: são médicas, juízas, professoras universitárias e administradoras de empresas.

A família sempre soube que o marido de Antónia lhe batia. Eles viam-na com hema-

DESTAQUE

► *prio bunker*. Para reforçar o isolamento térmico e acústico, mandou fazer paredes à prova de som. Foi por isso que ninguém ouviu nada na noite em que levou uma facada num pulmão. Esteve toda a refeição a ouvir provocações sem responder. O marido enfureceu-se com o silêncio, levantou-se e encaminhou-se para a cozinha. Nesse instante, ela tremeu. Teve a certeza de que ele ia atacar com uma das várias facas expostas na bancada de açougueiro que ela própria mandara construir.

CORREU PARA A PORTA e agarrou numa faca para se defender. Ele empurrou-a contra a parede, imobilizou-a e encostou-lhe outra ao pescoço. “Agora fala, tem coragem!”, atçou. Antónia sentia a lâmina tocar na pele, a provocar golpes. “Lembro-me da cara dele, dos olhos. Fiquei perdida. Não conseguia falar nem reagir. Não tive percepção da dor, mas quando vi sangue pensei: ‘É agora que te vou matar’”, diz à SÁBADO.

Levantou a mão mas ele foi mais rápido. Torceu-lhe o braço e cravou-lhe a faca no peito. Só teve dor quando a lâmina saiu. Desmaiou. Dessa vez, o marido levou-a à clínica numa carrinha Volvo. Foi operada pela primeira vez e, mais tarde, sujeita a nova intervenção, fora do País. Complicações provocadas pelo ferimento obrigaram-na a tirar parte do lobo inferior do pulmão direito.

As agressões tornaram-se cada vez mais violentas. “Tinha noção de que ele ia premeditar a minha morte.” A suspeita transformou-se em certeza depois de um grave desastre de automóvel. Um funcionário da oficina deixou-lhe o carro estacionado à porta do escritório. Antónia saiu à pressa para um compromisso. Tinha fama de guiar depressa. Nem sabe a que velocidade seguia quando perdeu um pneu. Despistou-se.

O estado de Antónia era grave, com fracturas múltiplas nas vértebras, esterno, costelas e membros. Esteve inconsciente, mas sabe que foi assistida por um inspector da Brigada de Minas e Armadilhas da Polícia Judiciária. Desconhece como ele foi lá parar. O marido apareceu pouco depois. Apesar da seriedade dos ferimentos, quis ser ele a transportá-la ao hospital.

Logo que ficou estável foi transferida para uma clínica, onde recuperou durante seis meses. Uma noite, recebeu fora de horas a visita do inspector da PJ que a ajudara no dia do acidente. Aconselhou-a a não deixar destruir o carro. Suspeitava de sabotagem.



De repente, pôs tudo em causa. Descobriu que havia vários seguros de vida em seu nome e, portanto, a sua morte renderia uma fortuna. Como não tinha acesso às contas bancárias – limitava-se a usar o American Express platina – não soube logo que, só pelo acidente, tinha recebido 700 mil euros. Para ela era claro: ou saía de casa ou morria.

Planeou tudo com frieza. Mal voltou ao trabalho, levantou uma laje do chão do es-

SADISMO

Chegava silencioso e quase a **asfixiava com um livro**. “Pensavas que te matava? Não. Amo-te demasiado”, dizia

critório para esconder dinheiro. Em pouco mais de um mês juntou alguns milhares de euros em notas. Tornou-se dócil para o marido. Até que forjou uma viagem. Avisou-o de que ia estar fora uns dias, mas saiu preparada para voltar dali a nada. Queria surpreendê-lo num dos encontros íntimos que ele mantinha com outras mulheres na sua ausência. Entrou, viu e saiu. O medo de que ela provocasse um escândalo público foi suficiente para o deter. Ela já não voltou.

Estão divorciados desde 2002. Apesar da oposição de todos, apresentou centenas de queixas contra o marido – por maus tratos, falsificação de assinaturas e fraudes financeiras em que ele a envolveu. Nesta guerra, perdeu a guarda do filho. Nunca mais deixou de receber ameaças. No início do ano, dois homens atravessaram um carro à frente do dela. Deram-lhe uma sova com um bastão de picos e deixaram um recado do ex-marido: “Da próxima vez é até à morte.” A instituição que lhe dá apoio traçou-lhe um plano de segurança. Vive em parte incerta. Os processos judiciais ainda correm.

É muito raro um caso destes chegar a tribunal. “Em 22 anos de carreira, só tive ►

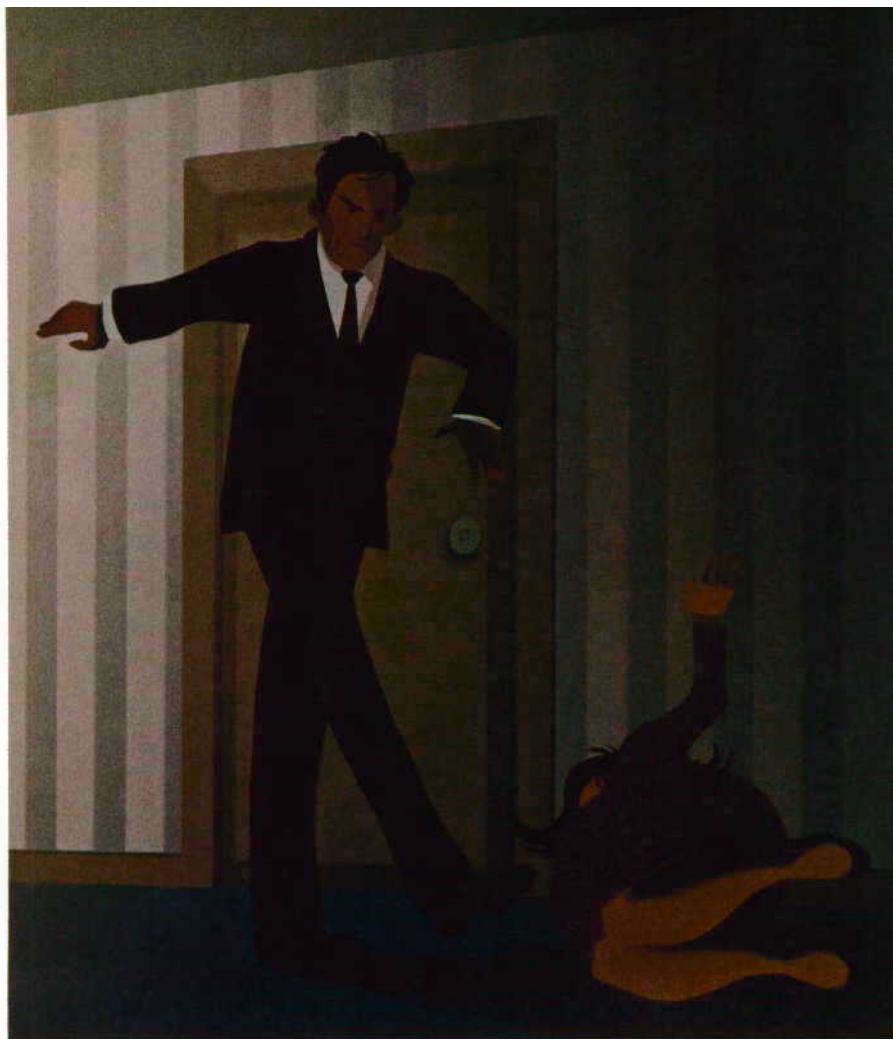
Como eles batem

Das 380 mulheres que admitiram ter sido alvo de pelo menos um acto de violência, 47% relataram as agressões físicas mais comuns



Fonte: Inquérito Nacional Violência e Género, Socinova/Cesnova (2007), com um universo de mil mulheres e mil homens

Ivan Kemp / SÁBADO



Sem deixar marcas

OS AGRESSORES MAIS INFORMADOS
SABEM MAGOAR E NÃO DEIXAR SINAIS

TOALHAS MOLHADAS. Permitem bater numa superfície maior do que outra arma. Por serem mais macias, não provocam **rupturas de vasos capilares** ao nível da pele. Logo, a agressão não causa **nódoas negras**.

OBJECTOS ENVOLVIDOS EM TOALHAS. É muito comum utilizarem sabonetes. O tecido **reduz o impacto** no corpo e torna mais raro o aparecimento de escoriações.

LISTAS TELEFÓNICAS. O risco de deixar **nódoas negras** já é maior, sobretudo se forem dobradas, mas muitos agressores continuam a utilizá-las.

VÍTIMAS AMARRADAS. Os abusadores **imobilizam-nas** para depois lhes baterem apenas do pescoço para baixo. Deixam intactos braços e rosto.

► um, de uma economista”, relata Joana Salinas, juíza-desembargadora do Tribunal da Relação do Porto e presidente da delegação de Matosinhos da Cruz Vermelha Portuguesa. Tudo por causa da vergonha. “Elas sentem o peso de não terem sido capazes de pôr fim à violência, apesar de serem mulheres com instrução e elevado nível financeiro”, acrescenta Celina Manita, da FPCEUP. Esse é, aliás, um dos factores que as distingue das outras vítimas.

Mas há outros pormenores que fazem a diferença. “Os agressores são elaborados”, diz Catarina Ribeiro. Sabem bater sem deixar marcas. “Evitam agredi-las no rosto e nas mãos. Usam toalhas molhadas e sabonetes dentro de meias”, descreve Celina Manita. Há quem recorra a listas telefónicas. Os músculos ficam arrasados e a pele quase intacta.

A TORTURA PSICOLÓGICA é mais eficaz. Humilham-nas, insultam-nas, convencem-nas de que controlam a polícia e os tribunais. Agridem-nas e pedem desculpa com classe. “Acompanhei um caso em que o abusador batia na mulher à frente dos filhos. Depois dizia-lhes que era tudo encenação: ele e a

O MOMENTO MAIS DURO

Estava grávida de 6 meses quando o marido lhe deu um **pontapé na barriga**. Queria matar o bebé. Quase conseguiu

mãe estavam só a ensaiar uma peça de um dramaturgo famoso.”

Os dois primeiros anos que Mariana viveu com o marido foram felizes. Casou cedo e teve logo filhos. Para a alta burguesia do Norte, eram um casal modelo: ele empresá-

O marido punha-lhe sedativos nas bebidas e violava-a depois de ela adormecer no quarto

rio, ela administradora de uma empresa agrícola. O pior foi quando Mariana se negou a praticar sexo anal. A recusa valeu-lhe a primeira agressão física. Foi espancada até ceder. Ele prendia-a numa cadeira e dava-lhe sovas. Amarrava-a enquanto a violava.

Ninguém calculava o que acontecia a Mariana. O marido oferecia-lhe viagens, presentes e carros, para causar boa im-

pressão junto da família. Um dia, ela ganhou coragem e ameaçou denunciá-lo. Mudou de quarto e acabou com quaisquer contactos físicos. Começaram os insultos. Chamava-lhe “feia”, “gorda” e “vaca”. Acusava-a de ter amantes, dizia que ela estava louca. Quando ficou grávida do terceiro filho, convenceu-se de que ele tinha razão. O marido negou ser o pai da criança. E ela não se lembrava de ter ido para a cama com uma única pessoa. Procurou um psiquiatra.

Os técnicos que a acompanharam ajudaram-na a desvendar o mistério. Estranharam a ausência de problemas de sono numa situação de tanta ansiedade. Além disso, pareceu-lhes bizarro que, apesar da crise, ele

continuasse a preparar-lhe todos os dias uma bebida à noite.

Desconfiaram que ele a sedava e sugeriram-lhe que passasse a deixar o copo intacto. Por precaução, elaboraram-lhe um plano de segurança. Deveria deitar-se com uma roupa por baixo do pijama, ter documentos, telemóvel e chaves do carro à mão para o caso de precisar de fugir. ►

DESTAQUE

NO PRECÍPIO

Arrancou-a da cama e pendurou-a da janela de um andar alto. Ameaçou **matar a filha a seguir**. Ela resistiu mas ficou com lesões graves



lização pessoal”, esclarece Catarina Ribeiro.

Nem sabe quantas sovas levou em 20 anos de casamento. As noites de serviço no hospital enraiveciam o marido e serviam de pretexto para ele a espancar. Constança afastou-se de colegas e amigos na esperança de pôr fim às acusações de adultério. Não resultou. A violência aumentava. Foi assistida duas vezes no seu local de trabalho: uma com uma fractura maxilar, outra com uma vértebra partida. Não deu justificações sobre os ferimentos.

À excepção da colega, ninguém a ajudou. A irmã sugeriu-lhe que ficasse quieta: o mau feito não era de agora, mais valia continuar a aceitar. A separação ia cair mal entre as outras famílias de Cascais. Constança ainda vive com o marido, mas já entrou com o processo de divórcio. Avisou-o de que tinha procurado a APAV. Desde então, ele não voltou a bater-lhe. Agora aposta na tortura psicológica. Ela está decidida a acabar a relação. Vai levar a tribunal um relatório técnico sobre as agressões que sofreu.

FALAR DO CASAMENTO deixa Constança com um ar assustado. “Estas vítimas são muito ansiosas e, pela necessidade de se protegerem, tornam-se hipervigilantes. Têm tremores, ataques de pânico e perturbações do sono”, diz Celina Manita. Há registos de tentativas de suicídio, de problemas de alcoolismo e de distúrbios alimentares.

Na fase final do casamento, Carolina, 40 anos, chegou a pesar 35 quilos. “Sentia-me completamente degradada. Pior do que uma puta. Não era mais do que uma escrava. Trabalhava, cuidava dos filhos, sustentava a casa e tinha de estar à disposição do meu amo. Era como se estivesse enterrada viva”, confessa à SÁBADO esta engenheira da zona Centro do País.

A relação dos dois foi sempre conturbada. Durante o namoro, discutiam muito. Ele tinha ciúmes doentios. Insultava os amigos, homens, dela. Carolina acabou com as saídas à noite para evitar cenas desagradáveis. “Era tão manipulador que me levava a dizer que ele tinha razão e a pedir desculpa.” Então, vinham os castigos. Proibia-a de ir ao bar da faculdade e de sair ao fim-de-semana. Terminaram várias vezes. Mas ela cedia sempre.

Viviam juntos há algum tempo quando Carolina descobriu uma marca de *báton* numa camisa dele. O marido ainda negou as evidências. No fim, assumiu que tinha es-

► Começou logo a ter mais dificuldade para adormecer. Estava acordada na noite em que ouviu o marido entrar no seu quarto. Fingiu não dar por nada. Esperou e apenas reagiu no momento em que ele ia abusar dela mais uma vez. O caso seguiu para tribunal e terminou com a condenação do agressor a uma pena curta e suspensa. Um teste de paternidade confirmou que a criança era filha dele.

Segundo o relatório da Direcção-Geral de Administração Interna sobre violência doméstica, em 2008 quase metade (46,8%) das agressões denunciadas à PSP e à GNR aconteceu entre as 19h e a 1h. Os conflitos foram mais frequentes ao fim-de-semana (33,9%) e entre Junho e Setembro (38,1%), os meses de férias. Os dados indicam ainda que 55,7% das queixas foram feitas no dia do episódio de violência, pelas próprias vítimas (76,2%). Mas ainda há muitas participações feitas por familiares, vizinhos e amigos.

O que levou Constança, 50 anos, a pedir ajuda foi a determinação de uma colega de trabalho. Disse-lhe: “Se tu não apresentares queixa, apresento eu.” Não se dirigiu à polícia. A medo, contactou o gabinete de Cascais da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Entrou envergonhada. Não era suposto uma médica ser vista ali. Contou que o marido, alta patente das Forças Armadas, lhe batia desde a segunda semana de casamento porque ela se recusara a deixar de trabalhar. “Por norma, os agressores não gostam que elas tenham uma actividade fora de casa. É uma maneira de as isolarem e de lhes cortarem a rea-

Quem são os agressores...

O álcool é um dos factores que potencia os episódios de violência doméstica



...e quem são as vítimas

Quase 10% das mulheres maltratadas são licenciadas e têm autonomia financeira



Fonte: Relatório da Direcção-Geral da Administração Interna sobre Violência Doméstica (2007-2008)

Ivan Kemp / SÁBADO



EMPURRÃO

Atirou-a do mezanino de casa abaixo. Por sorte, ela foi projectada e **caiu pelas escadas**. Ficou com nódoas negras e a roupa rasgada

o inferno era sempre o mesmo. "Chamava-me 'burra', 'mongolóide de merda', 'puta do caralho'. Incentivava-me a ter bons empregos, mas ia ter com os meus funcionários e insultava-os."

O empresário passava a maior parte do tempo fora de casa. "Quando ele dizia 'Vou sair' eu sabia que ia levar uma tarefa." Nos últimos anos de casamento, apertava-lhe o pescoço. Era o pior que lhe podia fazer. "Depois de ele me bater, eu deitava-me e sentia tanto frio. Estava perdida e não queria tomar decisões."

Atingiu o limite numa noite de Verão. Carolina pediu-lhe para não tocar em álcool. Ele chegou tarde e completamente bêbedo. Olhou para ela e disse: "Agora nós." Mandou-a contra o sofá e contra as paredes,

bateu-lhe com a cabeça na mesa da cozinha, tentou asfixiá-la. Num dos intervalos, ela guardou disfarçadamente as chaves do carro e o telemóvel – era assim que se preparava para fugir. Tentou sair e foi apanhada. "Se tivesse ali uma pistola, matava-o mesmo", conta à SÁBADO.

A sova durou duas horas e meia. E só terminou porque os filhos chamaram a polícia às escondidas. No limite das forças, conseguiu abrir a porta quando os agentes chegaram ao patamar do apartamento dela. "Agarrei-os pelo colarinho, puxei-os para dentro de casa e disse: 'Agora já não saem daqui.' Se eles não viessem, eu não saía dali viva." Chorou, implorou-lhes que não a deixassem lá com as crianças. Sem sucesso. A PSP limitou-se a ficar por perto para garantir que, nessa madrugada, não havia mais pancada.

Decidiu divorciar-se. Não teve tempo para preparar tudo como gostaria e abandonou a própria casa com a roupa do corpo. Ele prometeu-lhe guerra. E cumpriu. Carolina está a reconstruir a vida, mas o ex-marido não desistiu de a aterrorizar. Nunca mais esteve com outro homem. Nem acredita que algum dia volte a estar. ●

Para sua protecção, os nomes das vítimas são fictícios

► tado no aniversário de um amigo na *boite* Elefante Branco. Carolina quis sair de casa. Ele deu-lhe uma tarefa. "Chapadas, murros, já não me lembro. Foi a primeira de tantas." Deixou-o, mas voltou outra vez. "Não conheço nenhuma mulher que queira acabar a relação ao fim da primeira bofetada", diz Carla Machado, da Universidade do Minho.

AS AGRESSÕES ACONTECIAM uma ou duas vezes por ano e eram sempre seguidas de períodos de compensação. O empresário do ramo automóvel marcava fins-de-semana em hotéis de cinco estrelas e refeições em bons restaurantes. A violência foi em crescendo, sobretudo quando ele bebia.

Uma noite, apareceu às 5h, com mais uma nódoa de *báton*. Ela vestiu-se, decidida a ir-se embora. Ele agarrou nela, arrastou-a até ao mezanino do apartamento e atirou-a para o andar de baixo. Por sorte, não caiu directamente dali. "Vim aos trambolhões pelas escadas, bati com a cabeça. A roupa ficou toda rasgada nas mangas." Fugiu assim que pôde, chamou o irmão e a polícia e foi ao hospital. Não escondeu aos médicos que tinha sido vítima de violência doméstica.

Noutra madrugada, pendurou-a da janela de um andar muito alto. Arrancou-a da cama, espancou-a e empurrou-a para o abismo. "A seguir vai a puta da tua filha", gritou. Carolina agarrou-se como pôde às caixilharias. Fez tanta força que rasgou os músculos das pernas até ao osso. "Foi uma eternidade." Mal ele a largou, pegou na miúda e fugiu. Tornou a regressar.

Fora de casa, a vida profissional prosseguia como se nada fosse. Se tivesse um olho negro, faltava. Dizia que estava com gripe. "As desculpas são esfarrapadas. Inventam que tropeçaram no aspirador ou que caíram das

escadas. Cheguei a fazer um julgamento com uma colega minha de óculos escuros", revela a desembargadora Joana Salinas.

Na fase final do casamento, Carolina chegou a pesar 35 quilos: "Era uma escrava"

As funções de directora comercial não permitiam momentos de fragilidade. Fazia milhares de quilómetros por dia. Em casa,

Planear a fuga

É PRECISO PREPARAR O MOMENTO AO PORMENOR. HÁ CINCO COISAS ESSENCIAIS

1 REFÚGIO

Encontrar um lugar **seguro** para onde ir, seja a casa de familiares ou de amigos ou casas de abrigo.

2 ROUPA

Dormir **vestida** para evitar ir para a rua de pijama.

3 CONTACTO

Ter um **telemóvel** ao pé: é uma forma de poder chamar ajuda.

4 TRANSPORTE

Saber onde está a **chave** do carro, para poupar tempo na fuga.

5 DINHEIRO

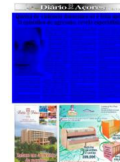
Guardar algum **dinheiro** para as primeiras necessidades.



Tráfico de Humanos em Portugal

Portugal sinalizou, desde 2008, um total de 231 casos de tráfico de seres humanos, dos quais 41 (18%) estão já confirmados, foi ontem anunciado no Porto.

Numa declaração conjunta, o coordenador e relator nacional para o Tráfico de Seres Humanos, Manuel Albano, e o chefe do observatório do Tráfico de Seres Humanos, Paulo Machado, assinalaram que, “independentemente de posteriores confirmações” dos casos ainda em investigação, todas as situações sinalizadas são “relevantes”. “Sugerem sempre manifestações de discriminação, ilicitude, muitas vezes de violência de género, bem como de outros tipos de crimes”, enfatizaram os dois responsáveis na declaração que assinalou o Dia Europeu Contra o Tráfico de Seres Humanos. Cerca de 90% dos casos foram sinalizados em Portugal Continental, a partir de denúncia das próprias vítimas, que são maioritariamente mulheres da casa dos 30 anos, solteiras, de nacionalidade estrangeira e, em dois terços das situações, sem autorização de residência, provenientes de cerca de duas dezenas de países. ||



ID: 27228570

20-10-2009

Queixa de violência doméstica só é feita após 35 episódios de agressão, revela especialista



ram, mas não disseram nada. Não se queriam meter na vida da paciente. Maria acabou por desabafar que era vítima dos maus-tratos do marido e tinha medo de regressar a casa. O caso foi revelado esta semana por uma enfermeira, durante um colóquio sobre violência doméstica que decorreu na Escola Superior de Enfermagem, em Lisboa.

Mas esta é apenas uma história de um crime que atinge milhares de mulheres. Todos os dias, em Portugal, as forças de segurança registam 76 novos casos de maus-tratos. E, regra geral, quando ali chegam, as vítimas já passaram por um longo processo de humilhação e subordinação.

“Os estudos indicam que as mulheres só denunciam a situação depois de 35 ocorrências”, disse à

Lusa Susie Johnson, responsável pela Secção para as Mulheres do Washington Office of

Public Policy (Estados Unidos), que conta com um milhão de sócias.

A demora em delatar o crime tem várias razões. Além do medo, “normalmente o agressor é o homem em quem sempre confiaram e que amaram e, muitas vezes, é o pai dos filhos”, explica a presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas (APMJ), Teresa Féria.

“Se, por um lado, têm medo de que possa voltar a acontecer, também

têm a esperança de que as coisas vão mudar. Há todo um relacionamento e carga afectivos envolvidos”, acrescenta João Lázaro, secretário-geral da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

“Muitas vezes, o crime perpétua-se durante anos e anos”, sublinha, frisando que, apesar de actualmente existir menos estigma social sobre quem se assume como vítima, ainda “há casos de mulheres que estão assim durante 10, 15 anos ou mesmo 17 anos”.

O ciclo de violência tem normalmente três fases: começa pela violência física ou psicológica, depois segue-se a fase da lua-de-mel, em que a vítima acredita no agressor, e finalmente a fase da tensão, quando começa uma clara perseguição que vai levar ao crime.

“Na psicologia, estas mulheres estão classificadas tal como as vítimas de atentados terroristas”, compara a presidente da APMJ, explicando que nem as violações que ocorrem na fase adulta têm tanto impacto psicológico. A razão é simples: o agressor é normalmente um desconhecido.

Apesar da violência do crime, a percentagem de casos que sobe às barras dos tribunais é ínfima.

Segundo os dados do Relatório Anual de Segurança Interna de 2008, do Ministério da Administração Interna, divulgados em Março, as forças policiais registaram uma média de 2312 queixas mensais.

Apesar de haver mais de 20 mil queixas por ano, apenas uma em cada dez mulheres avançou com um processo no ano passado. Mas os números mostram uma evolução: as acusações em tribunal duplicaram nos últimos dois anos, passando de 1033 em 2007 para 2420 em 2008, assim como as condenações, que passaram de 526 para 1154.

Uma das razões que leva as mulheres a permanecerem no silêncio prende-se com a falta de confiança no sistema judicial e de segurança, defende Elisabete Brasil, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR).

Teresa Féria lembra um estudo espanhol que indica que no país vizinho “morre-se muito durante o período entre o processo e a audiência do agressor”.

Mas há muitos casos que nem chegam à fase de acusação porque não se consegue prova. “São crimes que se passam entre quatro paredes, não há testemunhas. Há agressores que não permitem que as vítimas recorram aos hospitais ou a outros serviços de saúde. Trancam-nas em casa, ameaçam-nas nos dias posteriores”, lembra Elisabete Brasil.

Para Susie Johnson, é preciso sensibilizar e envolver toda a sociedade para que este deixe de ser um crime escondido. Até porque, alerta, “uma em cada três mulheres é ou vai ser vítima de violência num momento da sua vida”.

Só metade das mulheres denuncia ser vítima de maus-tratos e, em média, a queixa só é feita após 35 episódios de agressão, revelou à Lusa uma especialista norte-americana.

A maioria dos crimes ainda é silenciada por mulheres que vivem aterrorizadas por aqueles que amaram.

Maria (nome fictício) tinha entrado nas urgências e estava na ginecologia quando disse que não queria ter alta. As enfermeiras estranha-



Violência denunciada 35 agressões depois

Maus tratos. Especialista americana indica que só metade das mulheres denuncia ser vítima de maus tratos e após muitos episódios de violência

Só metade das mulheres denuncia ser vítima de maus tratos e, em média, a queixa só é feita após 35 episódios de agressão, revelou à Lusa uma especialista norte-americana.

A maioria dos crimes ainda é silenciada por mulheres que vivem aterrorizadas por aqueles que amaram. Maria (nome fictício) tinha entrado nas urgências e estava na ginecologia quando disse que não queria ter alta. As enfermeiras estranharam, mas não dis-

seram nada. Não se queriam meter na vida da paciente. Maria acabou por desabafar que era vítima dos maus tratos do marido e tinha medo de regressar a casa. O caso foi revelado esta semana por uma enfermeira, durante um colóquio sobre violência doméstica que decorreu na Escola Superior de Enfermagem, em Lisboa.

Todos os dias, em Portugal, as forças de segurança registam 76 novos casos de maus-tratos. E, regra geral, quando ali chegam, as

vítimas já passaram por um longo processo de humilhação e subordinação. "Os estudos indicam que as mulheres só denunciam a situação depois de 35 ocorrências", disse à Lusa Susie Johnson, responsável pela Secção para as Mulheres do Washington Office of Public Policy (Estados Unidos), que conta com um milhão de sócias.

A demora em denunciar o crime tem várias razões. Além do medo, "normalmente o agressor é o homem em quem sempre confia-



Mulheres silenciam terror

ram e que amaram e, muitas vezes, é o pai dos filhos", explica a presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Teresa Fêria.

"Se, por um lado, têm medo de que possa voltar a acontecer, também têm a esperança de que as coisas vão mudar. Há todo um relacionamento e carga afectivos envolvidos", acrescenta João Lázaro, secretário-geral da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). "Muitas vezes, o crime perpetua-se durante anos e anos", sublinha, frisando que, apesar de actualmente existir menos estigma social sobre quem se assume como vítima, ainda "há casos de mulheres que estão assim durante 10, 15 anos ou mesmo 17 anos". ■ LUSA



Música / Jazz Blues



Quarteto André Murraças

23 Out: 19h

A APAV promove um concerto com o Quarteto de André Murraças. O grupo reúne quatro jovens valores da nova geração do jazz português: André Murraças (saxofone tenor), Pedro Nobre (teclado electrónico), André Rosinha (contrabaixo) e Pedro Madeira (bateria). Este é o primeiro concerto de uma parceria com a Escola de Jazz Luís Villas-Boas do Hot Clube de Portugal.

 [Voltar](#)

Espaço APAV & Cultura

Endereço: Rua José Estêvão 135-A, Piso 2 1150-201 Lisboa

Telefone: 213 587 915

E-mail 40 anos: Mensagens podem fazer prova em tribunal - juristas

Lisboa, 27 Out (Lusa) - O e-mail tem, para efeitos jurídicos, um valor similar ao de outras provas documentais e nem faria sentido ser de outra forma quando a maioria das comunicações escritas são, actualmente, feitas por esta via, sublinham advogados.

Lusa

9:05 Terça-feira, 27 de Out de 2009

 **Comente** [463 visitas]      **Partilhe**         

Lisboa, 27 Out (Lusa) - O e-mail tem, para efeitos jurídicos, um valor similar ao de outras provas documentais e nem faria sentido ser de outra forma quando a maioria das comunicações escritas são, actualmente, feitas por esta via, sublinham advogados.

Segundo Frederico Moyano Marques, advogado que colabora com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), "as mensagens podem ser anexadas aos processos-crime, figurando lado a lado com as outras provas", o que se tem vindo a tornar mais frequente nos últimos cinco anos, "acompanhando o crescente uso do e-mail".

Em declarações à agência Lusa, o jurista considerou ainda que não faz sentido excluir este meio de prova pois, "em situações de violência doméstica, sobretudo nos casos em que as pessoas já não estão juntas mas o agressor continua a 'perseguir' a vítima, uma das formas de perpetrar essa 'perseguição' é através do envio de e-mails com ameaças, com chantagens, com injúrias".

Regional

APAV promove Seminário SUL - Imigração e Tráfico de Seres Humanos em Portimão



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima irá promover nos dias 18,19 e 20 de Novembro, o Seminário SUL - Imigração e Tráfico de Seres Humanos, no Hotel Júpiter, em Portimão.

Este Seminário insere-se nas actividades desenvolvidas pelo Projecto SUL – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante, financiado pelo Programa Operacional de Potencial Humano, Eixo 7 Igualdade de Género, Tipologia 7.3 Apoio Técnico e Financeiro às Organizações Não Governamentais.

d.r.

[Ver Fotos »](#)

Crime

região do Algarve.

O Projecto SUL presta apoio especializado e itinerante a vítimas imigrantes e de tráfico de seres humanos e de violência de género na

região do Algarve. Outro objectivo do Projecto é a promoção de boas práticas no apoio a imigrantes através da sensibilização e da promoção do trabalho em rede entre as instituições.

O Seminário SUL visa promover a troca de conhecimentos, de experiências e de boas práticas sobre o fenómeno da imigração e o combate ao tráfico de seres humanos.

28 de Outubro de 2009 | 16:22

SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

Tráfico humano em debate

■ Os direitos do homem e do cidadão vão estar em debate num seminário sobre Imigração e Tráfico de Seres Humanos, a realizar no Hotel Júpiter, em Portimão, nos dias 18, 19 e 20 de Novembro.

A iniciativa é promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e insere-se nas actividades desenvolvidas pelo Projecto Sul - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante. A iniciativa leva a uma mesa de discussão um crime que tem vindo crescer no panorama mundial.

O Projecto Sul é conhecido por prestar apoio especializado e itinerante a vítimas imigrantes e outras também apanhadas pelas redes do



Hotel Júpter, em Portimão

tráfico humano, na região algarvia. Esta instituição alarga ainda a sua intervenção a todos os casos de violência do mesmo género. ■ LUSA



Filho batia ao pai para lhe dar comprimidos

Dia da 3.ª idade. Distrito judicial de Lisboa tem 52 inquéritos pendentes de violência contra pessoas com mais de 64 anos. Menos que no período homólogo de 2008: 68 casos. Mas de 2005 a 2008 o número de queixas triplicou



Muitas das vítimas de mais de 64 anos não se queixam

■ FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Amadora. Meio da tarde. Uma vizinha ouve um grito do idoso que há seis anos partilha o mesmo andar, na porta ao lado da sua. A vítima, de 84 anos, acabara de levar com um pontapé do filho, de 55 anos, que o visitava de 15 em 15 dias. Foi essa mesma vizinha que decidiu ligar para a PSP da zona e denunciar o caso. A razão? "A recusa insistente do idoso em tomar os comprimidos." Este é um dos casos que ilustra as 52 queixas que actualmente estão a ser investigadas pelo Ministério Público do distrito judicial de Lisboa de maus tratos contra idosos. E que marcam a data em que se assinala o Dia Mundial da 3.ª idade

Os casos em investigação dizem respeito ao período entre Janeiro e 30 de Setembro deste ano. No mesmo período do ano passado, os casos registados já foram 68. Porém, se neste último ano houve uma clara descida, já de 2005 a 2008, o número de casos de crimes contra idosos triplicou no País inteiro: mais de oito mil inquéritos registados em 2005, contra quase 25 mil em 2008, em que a vítima tinha mais de 64 anos.

Nesta estatística está incluída o caso de Ana e Manuel. O casal de idosos, casados há mais de 50 anos, protagonizou um processo insólito em que a vítima era o homem, de 84 anos, e não a mulher, de 78 anos. Um episódio, passado em Lisboa, que ganhou contornos ainda mais macabros pelo facto da vítima sofrer da doença de Alzheimer.

As autoridades policiais não chegaram sequer a conseguir averiguar se as agressões ocorreram mais do que a única vez em que receberam a denúncia. A vítima foi agredida com "facas e garfos no pescoço e nas mãos", conforme pôde ler-se na acusação, a que o DN teve acesso, na altura.

Em Janeiro de 2007, foi a vez de um director de um lar de idosos em Fronteira, Portalegre, agredir um octogenário, segundo denúncias feitas pelos familiares. A alegada agressão ao idoso de 84 anos remonta a 5 de Janeiro, quando o idoso foi agredido no pescoço, sofreu vários empurrões e foi alvo de gritos por parte do director da instituição.

PGR deu prioridade
Ontem, ao DN, o procurador-geral

da República, Pinto Monteiro, voltou a frisar que a investigação deste tipo de crimes é prioritária, juntamente com a dos crimes praticados em ambiente escolar e os contra deficientes.

Esta preocupação de Fernando Pinto Monteiro já tinha sido tornada pública em 2007, com a publicação em *Diário da República* das

52 queixas

Número de investigações na comarca de Lisboa de maus tratos a pessoas com mais de 64 anos

25 mil casos

Número de crimes contra idosos desde 2005 até 2008, registados pela PSP no País

prioridades da Lei de Política Criminal para 2007 e a vigorar até 2009.

Em Junho de 2008, o PGR voltou a manifestar, na Assembleia da República, preocupação com a violência contra idosos, caracterizando-a como crimes "não denunciados." "Tenho poucos dados sobre

Lares bloqueiam as decisões

Os lares de idosos bloqueiam a capacidade de decidir, o que não permite um envelhecimento activo. Segundo a investigadora Constança Paúl, em declarações à Lusa, "os idosos não devem abdicar da capacidade de decisão e, para isso, a institucionalização não é o melhor caminho", alerta a investigadora, que defende "mais e melhor" apoio domiciliário. "É fundamental que as pessoas não abdicuem do seu direito de decidir. Fazer tudo pelos idosos é extremamente negativo, porque estamos a colocá-los numa posição de passividade e desuso das suas capacidades. **Incentivando o declínio**", afirmou a especialista em envelhecimento activo. Quando os idosos são colocados em lares, deixam de ter opinião sobre as mais diversas matérias - da ementa das refeições à forma como ocupam o tempo - e isso "impede que se mantenham activos", esclarece a coordenadora da Unidade de Investigação e Formação sobre Adultos e Idosos. "Não é que a institucionalização seja um erro. O problema é que os lares deviam ser uma solução de último recurso, para níveis de incapacidade muito elevados". Actualmente apenas 4% dos idosos estão em lares.



Preço decide escolha

40 mil idosos passam fome por falta de dinheiro

Inquérito alimentar realizado pela Deco revelou que o custo dos alimentos é causa para má alimentação

Pelos menos 40 mil idosos alimentam-se mal por falta de dinheiro. Os resultados são denunciados pela Deco, que diz que o custo dos alimentos é uma das razões para que este grupo etário não consuma alimentos mais saudáveis.

Publicado na edição de Novembro da revista *Proteste*, da Deco, o estudo, divulgado pela agência Lusa, resultou de um questionário enviado em Fevereiro e Março deste ano para uma amostra representativa da população, entre 65 e 79 anos, que vive em casa. Mais de 3400 idosos contribuíram com a sua experiência para o estudo.

Apenas um quarto desses 3423 portugueses que responderam ao inquérito revelou ter uma alimentação saudável.

De acordo com o estudo, "o preço é o factor que mais decide a escolha" dos alimentos pelos idosos, sendo indicado por 64 % dos inquiridos, seguindo-se o sabor e a qualidade dos alimentos. O estudo indica ainda que 76% dos portugueses têm "hábitos alimentares pouco saudáveis, os quais pioram com o avançar da idade".

A "difícil situação económica e a falta de autonomia influenciam de forma negativa o que se come", conclui ainda o documento. Os autores da investigação apuraram mesmo que três por cento dos inquiridos passaram fome na semana anterior às das respostas a estas perguntas. ■



Dez queixas recebidas por mês de agressões nas escolas

Lisboa. Até final de Setembro, o Ministério Público recebeu 93 denúncias, mais 40% do que em 2008. Maioria dos processos foram abertos depois de o PGR ter apelado à denúncia



DIREITOS RESERVADOS

Violência no cinema.

O filme 'A Turma', do francês Laurent Cantet é um dos exemplos recentes em que a sétima arte se dedicou ao tema da violência escolar. Vencedor da Palma de Ouro de Cannes, retrata as tensões de uma escola de um bairro problemático de Paris, feito por actores não profissionais, numa escola real. E também com um professor real, interpretado por François Bégaudeau, que escreveu a história

■ FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Bofetadas, puxões de orelhas, unhas e palmadas na cabeça são alguns dos exemplos de agressões que este ano contabilizam os mais de dez casos por mês de violência registados nas escolas de Lisboa. Um aumento de quase 40% em relação ao ano passado.

São situações denunciadas pelas escolas ou pelos familiares dos alunos como a de um estudante de 14 anos de um estabelecimento de ensino no centro de Lisboa que chegou à PSP e foi investigada pelo Ministério Público. Em causa estava uma bofetada dada pelo professor a um adolescente por este estar a conversar com o colega do lado. Os pais não gostaram e apresentaram queixa no Ministério Público. Este ano, também numa escola do distrito judicial de Lisboa, mas na zona de Loures, um funcionário foi alvo de um pontapé por parte de um aluno conhecido "por causar grandes distúrbios na sala de aula". Mas desta vez foi o próprio Conselho Directivo da escola que decidiu apresentar queixa na PSP que encaminhou o

Em 2008 foram registados 67 casos de maus tratos nas escolas

caso para o Ministério Público. No total, são 93 os casos de violência escolar – praticados entre professores e alunos e funcionários no mesmo espaço escolar – registados de Janeiro até 30 de Setembro deste ano, em Lisboa.

No mesmo período, do ano de 2008, foram 67 os casos que deram entrada no distrito judicial de Lisboa. Sendo que, nesse ano, todos os serviços do Ministério Público tinham em mãos 138 queixas de agressões violentas contra professores e alunos na mesma escola. Uma média de quase um caso por dia, dividindo este número pelos 180 dias do ano lectivo.

Desde o início do seu mandato que o procurador-geral da República (PGR), Pinto Monteiro, defendeu como prioridade o combate à violência em meio escolar e hospitalar e à violência contra as populações mais frágeis, como as crianças e os idosos.

O PGR deu mesmo instruções às procuradorias distritais para pedir às escolas e às autarquias que denunciassem situações susceptíveis de constituir um crime de natureza pública (ou seja que não

Tipo de crimes praticados no distrito

No distrito judicial de Lisboa registaram-se também, no primeiro trimestre de 2008, 987 crimes de droga (455 atribuídos a Lisboa), 88 crimes de corrupção e afins, 205 crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual de menores, 127 crimes de coacção e resistência sobre funcionário e 2248 de condução sem habilitação legal, sob efeito de álcool ou outras infracções rodoviárias. Em termos de violência em comunidade escolar, Barreiro e Lisboa, ambos com sete casos, figuram na dianteira.

exige queixa para ser investigado).

Ainda mais depois do caso paradigmático da professora agredida por uma aluna na Escola Carolina Michaelis, no Porto, após lhe ter retirado o telemóvel (ver caixa), em Abril de 2008. Desde esse episódio, o PGR deu orientações expressas aos conselhos directivos das escolas para denunciarem as situações, apelidando estes casos de "ilícitos criminais e que devem ser frontalmente combatidos". ■

Sete casos de maus tratos a deficientes

Este ano, no distrito judicial de Lisboa, já são sete os casos de violência contra deficientes. Um dos casos em investigação é o do Colégio Décroly

Desde Fevereiro de 2007 que os crimes contra deficientes foram considerados, pelo procurador-geral da República, de "investigação prioritária". Este ano, só no distrito judicial de Lisboa estão a ser investigados sete casos de maus tratos a pessoas com deficiência. No ano passado – de Janeiro a Dezembro – deram entrada pouco mais de dez processos deste tipo.

No rol das queixas está o caso relativo ao Colégio Décroly, que acolhe em Lisboa crianças com paralisia cerebral, investigado pela PSP pela suspeita de prática de maus tratos. Cheiro nauseabundo – porque as fraldas dos alunos são mudadas nas salas de aula e por não haver sistema de ventilação – fraldas descartáveis utilizadas como babetes, métodos impróprios para a imobilização das crianças e jovens du-

rante as suas crises, são alguns dos dados referidos pela acusação. Esta escola, tem 160 alunos (com idades compreendidas entre os 6 e os 24 anos), 70 dos quais em regime de internato. Uma das acusações mais graves é relativa ao internamento sucessivo de um dos alunos, que poderá estar relacionada com os métodos de imobilização usados pelos funcionários.

Já em 2006, um homem foi condenado a uma pena de quatro anos de prisão pela prática de um crime de lenocínio e outro de maus tratos infligidos a uma mulher deficiente. Na leitura da sentença, deu-se como provado que durante alguns anos o indivíduo "agiu com o intuito de fomentar e explorar diversas mulheres" em Aveiro, tentando forçá-las à prostituição, servindo-se das ameaças e da violência física. ■ F.A.S.

Outros casos de violência

Em Portugal, 30 a 35% das crianças foram alvo de violência escolar. Destas, 6% sofreram agressões físicas ou psicológicas continuadas, o chamado 'bullying', que também é praticado contra professores.

ESCOLA SECUNDÁRIA CAROLINA MICHAELIS

• Um professora de Francês da Escola Carolina Michaelis, no Porto, foi agredida por uma aluna após lhe ter retirado o telemóvel. A gravação do episódio – através de um telemóvel de um colega que foi posta a circular no YouTube – repetiu nas televisões durante semanas. A docente, que apresentou queixa uma semana depois, diz que foi vítima de violência física e verbal por parte da aluna do 9.º ano a quem retirou o telemóvel por ser proibido nas aulas.

PROF. PRIMÁRIA ACUSADA DE MAUS TRATOS

• Uma professora primária do Porto é acusada de maus tratos a alunos, dentro e fora da sala de aulas. A docente, que lecciona na Escola das Condominhas, nega tudo. Incorre numa pena até cinco anos. O processo partiu da denúncia da mãe de uma aluna. A menina, de oito anos, queixou-se em casa de agressões, que incluíam também outros colegas. Alguns deles faltavam às aulas com medo. O Ministério Público inquiriu vinte encarregados de educação.

EDUCADORA DE FARO DEU BOFETADA

• Em Abril de 2007, quatro encarregadas de educação fizeram uma queixa de maus tratos ao Ministério Público contra uma educadora de infância de Faro, que entretanto não viu renovado o contrato de trabalho, tendo sido afastada da creche. Fátima João, mãe de Diogo, de dois anos e meio, contou que o seu filho foi agredido no refeitório pela educadora de infância, com um estalo no rosto, tendo vindo a cair no chão e a magoar-se no nariz.

Há coisas com imaginação



Partindo das exigências de uma era descartável – do efémero e da mobilidade, associadas à imagem – a Há Coisas do Cartão desenvolveu mobiliário de baixo custo, facilidade de aplicação, renovação de imagem, leveza e robustez. As peças são construídas integralmente em cartão canelado e evocam o consumo doméstico (ou não): o adolescente que vai estudar para fora, o casal que se instala, o bebé que cresce e torna os brinquedos obsoletos, a lembrança útil para o amigo. Carlos Costa, arquitecto, é a mente criativa da Há Coisas do Cartão, uma empresa que integra a Incubadora de Industrias Criativas, Inserralves. As peças estão à venda na Fundação de Serralves, no Porto. Os preços: cadeira mais pequena 4,5 euros; a maior, seis euros.

Mãos solidárias

SOFT HANDS KIND HEART

75 ML - 10 EUROS

ULTIMATE STRENGTH HAND SALVE

75 ML - 17 EUROS



A mão e o laço captam a nossa atenção. De que se trata afinal? De cremes de mãos das marcas Body Shop e Kiehl's, respectivamente, cujas vendas revertem a favor de causas solidárias. "Acabe com o Tráfico Sexual de Crianças e Jovens" é o mote da campanha da Body Shop a favor da Unidade de Apoio à vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, uma unidade especializada da APAV (Associação de Apoio à Vítima), que presta alojamento, apoio emocional, jurídico, psicológico, social e prático. Soft Hands Kind Heart é apresentado numa fórmula não oleosa, com notas cítricas frescas, que deixa as mãos hidratadas, enriquecida com uma infusão de extractos de angélica que ajudam a amaciar e suavizar a pele, e óleo de azeitonas de Itália - obtido ao abrigo

do programa de comércio com as comunidades que visa preservar a produção tradicional de azeite. Quanto à Kiehl's, apoia instituições de ajuda na Luta contra a Sida em todo o mundo, através da edição limitada Ultimate Strength Hand Salve. A marca fundada em 1851, a partir de uma antiga farmácia do bairro do East Village, em Nova Iorque, disponibiliza um creme para mãos extremamente secas cuja mistura de ingredientes - abacate, eucalipto e sementes de sésamo, assim como cera natural derivada do azeite - permite à pele extrair e absorver água do ar e formar uma barreira protectora "efeito-luva" contra a perda de hidratação, sem ser gorduroso. O creme da Body Shop já está disponível, o da Kiehl's estará nas lojas da marca apenas a 1 de Dezembro - Dia Mundial de Luta Contra a Sida.